

Baía de Guanabara: Mortandade de peixes ainda sem explicação

Categories : [Reportagens](#)

Rio de Janeiro – "É o início do fim". Este é o lamento de Marcelo Bueno, morador da Ilha de Paquetá e pescador desde criança. Com seu barco, ele costumava navegar pelas águas da Baía de Guanabara para pescar corvina, tainha e baiacu. Hoje, o pescador se contenta a catar siris nas faixas de areia das praias da pacata ilha localizada no fundo da baía.

"A pescaria está em extinção". O alerta foi feito por Marcelo mas ecoa nas vozes de muitos pescadores que dedicavam suas vidas à pesca artesanal. Há quase um mês, toneladas de peixes têm sido encontradas em praias de municípios que margeiam a Baía de Guanabara, da Ilha do Governador, Paquetá à Magé. A grande mortandade ainda segue sendo um mistério para especialistas, pescadores e ativistas ambientais.

A reportagem de ((o))eco visitou nesta terça-feira, dia 18 de novembro, a Ilha de Paquetá para ouvir de moradores e pescadores o que pode estar ocorrendo. No trajeto de barca da Praça XV já é possível avistar peixes mortos boiando.

O odor de peixe podre ainda toma conta das ruas de Paquetá. O isolado bairro carioca preserva ares do início do século 20, as fachadas antigas das casas continuam intactas e uma vida tranquila sem barulho de carros dá o compasso do ritmo de Paquetá. O bairro que parece que estacionou no tempo sofre hoje os impactos diretos da poluição e contaminação da Baía de Guanabara.

Clique nas imagens para ampliá-las e ler as legendas

"Já pesquei muito aqui na baía", lembra Frizolino Neto, de 52 anos, que por mais de vinte anos foi pescador. Hoje ele trabalha transportando material de construção do continente para a ilha. E às 6h30 da manhã ele já estava descarregando material numa das praias de Paquetá. "Venho aqui todo dia e tenho visto peixe morrendo. Eles pulam tanto antes de morrer como se fosse para tentar respirar. Só morreu savelha, nem os biólogos entendem. Nesse tempo todo que venho à ilha é a primeira vez que vejo algo parecido. É tanto peixe morrendo e não dá para entender. A gente achava que era poluição", contou Frizolino.

A savelha que Seu Frizolino se refere é uma espécie de sardinha. Apesar de não ter valor comercial, ela é a base da cadeia alimentar de muitos pescados.

Aos 71 anos, Dona Glória passa mais dias em uma casa alugada na ilha que em Itaboraí, município da Baixada Fluminense onde reside. Todo dia de manhã cedo caminha pela orla de Paquetá com seu cachorro. "Desde 2000 frequento a ilha e nunca vi isso. Há uma semana o cheiro estava horrível e a água podre. De ponta a ponta era peixe morto. Estamos desconfiados de ser uma obra dessas empresas de petróleo", comentou.

"Não dá mais para sobreviver de pesca"

Cada morador e pescador tem seu palpite do que pode estar ocasionando tamanha mortandade de peixes, tida como uma das maiores que a Baía de Guanabara sofreu depois do vazamento de óleo da Petrobras em 2000. No dia 18 de janeiro daquele ano, um duto da Petrobrás que ligava a Refinaria Duque de Caxias (Reduc) ao terminal Ilha d'Água, na Ilha do Governador, rompeu-se antes do raiar do dia, provocando um vazamento de 1,3 milhão de litros de óleo combustível nas águas da baía. A mancha se espalhou por 40km².